



CIDADE VIGIADA: uma análise da distribuição de câmeras do Centro de Operações Rio

Livia Vargas de Souza
UFF
livia-vargas@hotmail.com

1 – INTRODUÇÃO

Escolhida como uma das cidades-sede da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 e sede das Olimpíadas Rio 2016 em maio e outubro de 2009, respectivamente, a maneira com que a cidade do Rio de Janeiro foi gerida pelos Governos Municipal e Estadual provocou grandes mudanças. Diversas obras - envolvendo infraestrutura, transporte, meio ambiente etc. – e programas – nas áreas de segurança, social etc. – foram implementados visando preparar a cidade para tais eventos e promovendo diversas transformações socioespaciais em seu território.

Dentro desse contexto e, com a catástrofe das chuvas em abril de 2010, foi inaugurado o Centro de Operações Rio (COR). Localizado na Cidade Nova – um bairro central da cidade – e com seu prédio construído em tempo recorde (quatro meses). O Centro foi criado com a expectativa incluir o Rio de Janeiro no sistema de “*Smarter Cities*” da empresa IBM onde Nova York e Londres (sede dos Jogos Olímpicos de 2012) já são duas as cidades do projeto.

Esse artigo trata-se de parte dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2014¹, onde tratar-se-á do controle territorial exercido pelo Estado, representado pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro através da criação do Centro de Operações Rio, especialmente através das câmeras de vigilância.

Na sociedade moderna, os discursos sobre o tema da in-segurança têm um destaque maior no cenário político mundial, desde o combate aos narcotraficantes, em escala local, até o combate ao terrorismo, envolvendo toda uma rede de informações em escala mundial. Com intuito de compreender os diversos significados que a palavra segurança pode adquirir²

¹ Trabalho intitulado “Centro de Operações Rio: uma análise espacial do controle de fluxos por câmeras na cidade do Rio de Janeiro” apresentado para título de Bacharel em Geografia pela UFF – Niterói.

² Para Rogério Haesbaert (2012:74) “Dependendo da amplitude que o termo “segurança” adquire, temos desde a segurança em seu sentido mais restrito, policial-militar, até seus sentidos mais amplos, como



Para o sociólogo Ulrich Beck (1996) a *sociedade de risco* corresponde a uma fase da moderna sociedade industrial em que a dinâmica de mudança e incerteza é tal que as instituições de “controle e proteção” não conseguem dar conta da produção de riscos de todo tipo – políticos, ecológicos, individuais. Para aprofundar a ideia de como a *sociedade de risco* está estruturada, buscamos o conceito de “sociedade de segurança” ou “biopolítica”, proveniente da análise proposta por Foucault (1988), para quem na sociedade contemporânea estaria ocorrendo o declínio da “sociedade disciplinar” e do “poder soberano” passamos a ter como dominante a sociedade biopolítica que passa a se organizar em torno das novas penalidades:

Desta forma, a principal forma de controle da sociedade biopolítica é caracterizada pelos dispositivos de segurança³ porém, não passam a existir somente a partir da crise do poder disciplinar. Da mesma forma que a disciplina encontra-se imbricada no modelo de segurança que é imposto dentro da sociedade biopolítica:

o *corpus* disciplinar também é amplamente ativado e fecundado pelo estabelecimento desses mecanismos de segurança. Porque, afinal de contas para de fato garantir essa segurança é preciso apelar, (...) para toda uma série de técnicas de vigilância, de vigilância de indivíduos, de diagnóstico do que eles são, de classificação da sua estrutura mental, da sua patologia própria, etc., todo um conjunto disciplinar que viceja sob os mecanismos de segurança fazê-lo funcionar. (FOUCAULT, 2008, p. 11)

Sobre a questão do espaço, a principal característica para o nosso trabalho, a segurança se exerce sobre o conjunto de uma população, enquanto a soberania busca controlar dentro dos limites de um território, e a disciplina se exerce sobre os corpos dos indivíduos (Foucault, 2008:15-16). A vigilância durante o poder da segurança estará

aqueles que dizem respeito à “segurança ambiental” e até mesmo à “segurança alimentar”. De certa forma, todos se referem, hoje, direta ou indiretamente à biossegurança, no sentido foucaultiano, que altera o foco do “fazer morrer, deixar viver” do poder soberano clássico para o “fazer viver, deixar morrer” biopolítico (apud FOUCAULT, 1985, p. 74)”.

³ Dispositivo de segurança que vai, para dizer as coisas de maneira absolutamente global, inserir o fenômeno em questão a saber, o roubo, numa série de acontecimentos prováveis. Em segundo lugar, as reações de poder ante esse fenômeno vão ser inseridas num cálculo que é um cálculo de custo. Enfim, em terceiro lugar, em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai-se fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir. É portanto toda uma outra distribuição das coisas e dos mecanismos que assim se esboça. (FOUCAULT, 2008, p. 9)



ligada diretamente ao controle dos fluxos e ao planejamento das cidades para garantir a segurança⁴.

Desta forma, o controle da cidade não terá intenção de produzir informações com o intuito de modificá-la para que funcione da melhor maneira para todos, mas sim, que a população e os fluxos possam circular com eficiência, os riscos possam ser minimizados e a resolução das crises ocorra em menor tempo possível para que o modo de produção capitalista esteja garantido. Os elementos de polifuncionalidade estruturarão os planejamentos das cidades (Foucault, 2008:26), o exemplo sobre a rua citado no texto é o que envolve o nosso trabalho que busca identificar quais fluxos estão sendo controlados nas câmeras instaladas pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro⁵.

Outra característica que Foucault atenta nas cidades no contexto do biopoder é que através dos mecanismos de segurança vai se trabalhar com o futuro, o planejamento terá que ter a capacidade de prever o problema e se antecipar a ele, assim, não se trabalhará com a cidade e seus problemas que estão ocorrendo no presente, mas haverá uma abertura para um futuro e o que poderia acontecer nele:

a cidade não será concebida nem planejada em função de uma percepção estática que garantiria instantaneamente a perfeição da função, mas vai se abrir para um futuro não exatamente controlado nem controlável, não exatamente medido nem mensurável, e o bom planejamento da cidade vai precisamente: levar em conta o que pode acontecer. (FOUCAULT, 2008, p. 26)

Previne-se a população de “correr (maiores) riscos”, agindo pontualmente na sequência de um evento de “catástrofe”, numa espécie de efeito de “enxugar gelo” – típico da sociedade biopolítica – onde as reais causas dos problemas são deixadas de lado em prol de uma “segurança” emergencial que só é desejada a partir da criação dos

⁴ A disciplina trabalha num espaço vazio, artificial, que vai ser inteiramente construído. Já a segurança vai se apoiar em um certo número de dados materiais. Ela vai trabalhar, é claro, com a disposição do espaço, (...) ela trabalha sobre algo dado. (...) Não se trata, para ela em reconstruir esse dado de tal modo que atingisse um ponto de perfeição, como uma cidade disciplinar. Trata-se simplesmente de maximizar os elementos positivos, de poder circular da melhor maneira possível, e de minimizar, ao contrário, o que é risco e inconveniente, como o roubo, as doenças, sabendo perfeitamente que nunca serão suprimidos. (FOUCAULT, 2008, p. 25-26)

⁵ O que é uma boa rua? É uma rua na qual vai haver, é claro, uma circulação dos chamados miasmas, logo das doenças, e vai ser necessário administrar a rua em função desse papel necessário, embora pouco desejável, da rua. A rua vai ser também aquilo que por meio do que se levam as mercadorias, vai ser também aquilo pelo que vão poder transitar os ladrões, eventualmente os amotinados, etc. Portanto são todas essas diferentes funções da cidade, umas positivas, outras negativas, mas são elas que vai ser preciso implantar um planejamento. (FOUCAULT, 2008, p. 26)



riscos (Haesbaert, 2012). Levando em consideração todas as características da sociedade biopolítica apresentadas, a segurança, através dos seus dispositivos, irá buscar controlar a circulação - de processos naturais, como as águas e os ventos, de pessoas e mercadorias – no que Foucault define como “meio”: “É o que é necessário para explicar a ação à distância de um corpo sobre outro. É, portanto, o suporte e o elemento de circulação de uma ação. É, portanto, o problema circulação e causalidade que está em questão nessa noção de meio.” (FOUCAULT, 2008:27). Desta forma, regular o “meio” por onde circulam os fluxos, principalmente no sentido biológico da massa humana como “população”, será a marca do biopoder.

Diante de tais concepções, pode-se interpretar o COR - e todas as partes que o compõem - como um complexo dispositivo de segurança, onde as câmeras de vigilância e imagens geradas são os principais elementos de composição do sistema e buscam o controle do “meio”. Investigou-se como ocorre o funcionamento de tal sistema e quais seriam suas reais intencionalidades a partir de duas visitas à sua sede, publicações acadêmicas, noticiários impressos e *online* (incluindo vídeos) e, principalmente, realização o mapeamento da distribuição do seu sistema de câmeras.

2 – OBJETIVOS

Através do mapeamento da localização das câmeras a partir de informações coletadas na pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo realizado na sede do COR, pretende-se identificar quais são os fluxos controlados pelas câmeras instaladas pela cidade e quais áreas estão sendo monitoradas.

A partir do resultado e análise dos mapeamentos, problematizar se há uma lógica da distribuição dessas câmeras em relação às áreas que foram preparadas para receber os grandes eventos esportivos que a cidade sediou. Também, verificar se há correlação da concentração de câmeras com dados socioeconômicos e identificar as atividades que podem caracterizar em que medida o COR atua como um instrumento de planejamento para além de somente vigilância.

De acordo com os resultados das interpretações e análises dos dados, constatar o que este serviço de vigilância está monitorando e a partir de quais interesses ele está servindo.



3 – METODOLOGIA

O mapeamento das câmeras do COR foi realizado com as informações georreferenciadas de todas as câmeras do sistema, dado fornecido pelo próprio Centro a partir do contato realizado em visita à sua sede, em formato .kmz e convertido no *software ArcGIS* em um arquivo de extensão *shapefile*. Através da localização de cada câmera criou-se uma tabela de número de câmeras por Área de Planejamento e bairro. Desta forma, foi possível a realização de mapeamentos interligando a distribuição de câmeras na cidade e diversos dados tais como principais logradouros, hierarquia das centralidades e câmeras em favelas, permitindo a interpretação e análise da distribuição geográfica do sistema de câmeras.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

O sistema do Centro de Operações Rio controla 544 câmeras instaladas nas ruas da cidade e também recebe imagem de cerca de 300 câmeras de concessionárias que o integram. No total são cerca de 900 câmeras. A análise que será realizada estará restrita ao sistema de câmeras do COR, já que os dados das demais não foram fornecidos.

O sistema de controle por câmeras com teve início com 146 câmeras da CET-Rio (Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio), no início de 2011, e algumas da Secretaria Estadual de Segurança. Há intenção de aumentar esse número, futuramente, pois haverá uma em frente a cada um dos 10 mil coletivos urbanos, que já começaram a ser instaladas.

No início da primeira visita, fomos informados que o COR (incluindo suas câmeras) não tem o objetivo estrito de “segurança” (tratada aí no estrito sentido policial/militar, como alertado na discussão conceitual) – já que essa atribuição caberia mais ao governo do estado do que ao governo municipal. Apesar disso, um dos profissionais que integram o Centro é um Policial Militar, que tem acesso às imagens de todas as câmeras e, verificando um “movimento suspeito”, pode acionar o Batalhão Militar responsável pela área para agir instantaneamente. O Centro também fornece informações para o Comando Militar do Leste, quando necessário.

Vale ressaltar que há câmeras específicas da Secretaria de Segurança do Governo Estadual - representadas em cinza no mapa de localização de câmeras do COR



visualizado durante a visita, sem a disponibilização dos dados – cujas imagens só estarão disponíveis na “Sala de Controle” após autorização concedida pela Secretaria. Desta maneira, o COR pode até não ter o objetivo de lidar diretamente com a segurança em seu usual sentido policial-militar, porém fornece dados e imagens para as instituições responsáveis sem nenhuma restrição.

O principal objetivo dessas câmeras é o controle do trânsito nas principais ruas, avenidas e cruzamentos da cidade, onde o fluxo é mais intenso. Além disso, pode-se detectar um incêndio e avisar ao Corpo de Bombeiros, por exemplo, ou buscar nas imagens gravadas a ocorrência de alguns incidentes (como foi o caso de uma lanchonete que explodiu no dia 13/10/2011 devido a um vazamento de gás na Praça Tiradentes, onde há uma câmera) para a compreensão do transtorno causado.

As imagens em tempo real das câmeras está disponível de forma parcial - cerca de 170 das 544 câmeras, na *home page* (<<http://www.rio.rj.gov.br/web/corio>>) - e podem ser procuradas pelo endereço de localização.⁶ Porém, os dados de localização (que compreende uma das 90 camadas com dados georreferenciados) de todas as câmeras não estão disponíveis ao público.

Após a segunda visita ao COR foram obtidos os dados georreferenciados das câmeras do sistema, gerando a tabela de número de câmeras por Áreas de Planejamento e Bairros⁷ que permitiu o mapeamento de todos os 544 equipamentos instalados na cidade do Rio de Janeiro. A partir da observação prévia dos dados, optou-se por analisar geograficamente o sistema de câmeras do Centro de Operações Rio de acordo com os subitens: Pontos cegos / “Zonas de sombra”; Principais logradouros; Hierarquia das centralidades; Câmeras em favelas; Zonas de concentração de câmeras⁸.

4.1-ZONAS DE CONCENTRAÇÃO DE CÂMERAS

A partir da análise da quantidade de câmeras por Área de Planejamento constata-se a concentração de câmeras na Área de Planejamento 2, com 204 das 544 câmeras, 37% do total, como se pode observar na tabela 1, a seguir. De acordo com as

⁶ Câmeras ao vivo. Disponível em: <<http://www.centrodeoperacoes.rio.gov.br/>>. Acesso em: 24 maio 2014.

⁷ Tabela realizada a partir dos dados obtidos durante as visitas ao COR. Não foi possível a disponibilização da mesma pelo limite de páginas do artigo.

⁸ Devido ao limite de páginas do artigo apresentaremos apenas a análise do subitem: Zonas de concentração de câmeras.

informações coletadas no Armazém de Dados do Instituto Pereira Passos⁹, esta parte da cidade é a segunda maior em densidade populacional (100 hab/ha), detendo o maior IDH: 0,924 - número compatível com a taxa de países desenvolvidos.

Para realização de uma análise mais completa, optou-se por utilizar outros dados socioeconômicos: média de anos de estudo e rendimento médio mensal das pessoas responsáveis pelo lar. A Zona Sul e Grande Tijuca detiveram os maiores índices em ambos os dados, 11, 35 anos de estudo e R\$ 4878,86 de renda mensal média.

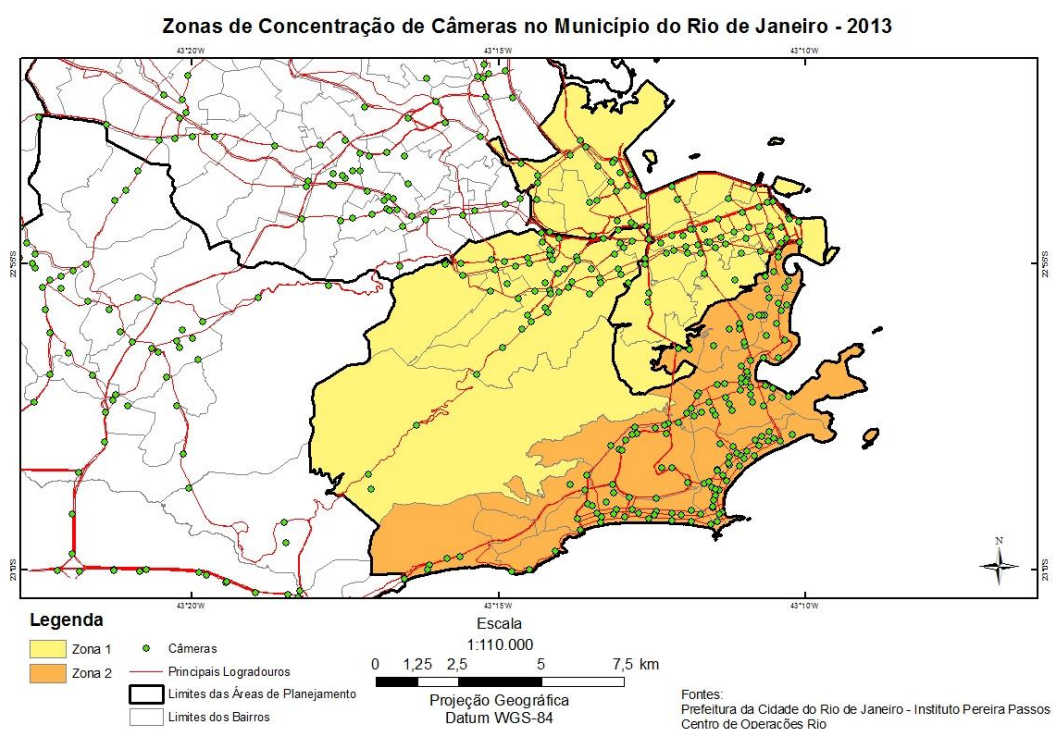


Figura 1 - Mapa de Zonas de Concentração de Câmeras no Município do Rio de Janeiro. Mapa produzido pela autora.

Dessa forma, de acordo com os dados socioeconômicos utilizados, comprova-se que a “segurança” da mobilidade no município do Rio de Janeiro destina-se principalmente à população com maior acesso e qualidade à educação, oportunidades de trabalho e serviços de saúde, ou seja, uma população privilegiada da cidade, apesar dela representar 17% do total, e que ainda detém o maior controle da sua mobilidade em nome de uma almejada segurança.

⁹ Órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro que fornece informações sobre a cidade a partir de dados do IBGE. ARMAZÉM DE DADOS. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em 10 nov. 2013.

Tabela 1 - Número de câmeras do COR por Área de Planejamento na cidade do Rio de Janeiro.

Área de Planejamento	Nº de câmeras
1 - Centro	69 (13%)
2 - Zona Sul e Grande Tijuca	204 (37%)
3 - Zona Norte	109 (20%)
4 - Barra da Tijuca e Jacarepaguá	99 (18%)
5 - Zona Oeste	63 (12%)

Fontes: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Instituto Pereira Passos; Centro de Operações Rio. Tabela compilada pela autora.

Visualmente, nota-se um grande número de câmeras nas Áreas de Planejamento 1 (Centro e Zona Sul/) e 2 (Grande Tijuca). Tais áreas compreendem 11% do território, concentrando 21% da população e 50% das câmeras. Para analisar de forma mais completa, identificamos duas zonas de concentração de câmeras, assinaladas no mapa 1 apresentado no início do subitem.

Na zona de concentração de câmeras 1 estão os bairros da ‘Grande Tijuca’ e os bairros da Área de Planejamento 1. Pode-se distinguir vários fatores pela concentração de câmera nesta área, que apresenta 125 equipamentos instalados. Na Área de Planejamento 1 (Centro) estão os bairros centrais da cidade do Rio de Janeiro, ainda caracterizado como principal centro de negócios, com as sedes de grandes empresas, do centro político, COR e do CICC, projeto Porto Maravilha, Central do Brasil (principal terminal dos meios de transportes da Região Metropolitana), palco de grandes manifestações, e, também, algumas das principais vias de trânsito (Avenida Brasil, Linha Vermelha, elevado Paulo de Frontin, Av. Presidente Vargas) que dão acesso às outras áreas da cidade. Isso faz com que o controle da área seja importante na lógica estatal de segurança.

O Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, palco do jogo final da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014, encontra-se localizado no bairro de mesmo nome e possui acesso por várias vias, tendo a Radial Oeste (que liga o Centro à Grande Tijuca e à Zona Norte) como principal. Uma das obras realizadas durante a reforma do Maracanã e inaugurada no dia 01 de maio de 2014¹⁰ foi a passarela interligando a Quinta da Boa

¹⁰Passarela que liga Quinta da Boa Vista ao Maracanã é inaugurada no Rio. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/05/passarela-que-liga-quinta-da-boa-vista-ao-maracana-e-inaugurada-no-rio.html>>. Acesso em: 30 maio 2014.



Vista (São Cristóvão – Área de Planejamento 1) ao estádio. A estrutura custou R\$ 109 milhões e será utilizada somente por “VIPs” da Fifa por estar dentro do perímetro de segurança estabelecido pela Fifa para as proximidades do Maracanã , colocando em evidência a importância de tais bairros para o megaevento.

Deve-se destacar que somente o estádio do Maracanã possui cerca de 360 câmeras¹¹ que serão monitoradas pelo Centro Integrado de Comando e Controle do Rio de Janeiro, construído exclusivamente para o megaevento, com principal objetivo de controle dos fluxos de pessoas que estarão pela cidade por diversos motivos: turismo, negócios, protestos etc. Desta forma, se somarmos as câmeras da zona de concentração de câmeras 1 com as do Maracanã, chegaremos a quase 500 equipamentos de vigilância, proporcionando o almejado controle do fluxo de pessoas, veículos e incidentes na região.

Outro dado de destaque da área é a presença das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) em quase todas as favelas da área, utilizando grande número de policiais para controlar a população das “áreas pacificadas” e, conseqüentemente, dar “segurança” a uma das principais áreas da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Tais características inserem a zona de concentração de câmeras 1 em papel de destaque no controle da cidade do Rio de Janeiro.

Na zona de concentração de câmeras 2, encontram-se os bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro com 148 câmeras instaladas. Tal área apresenta uma das maiores concentrações populacionais e de renda da cidade. E, também, a presença de diversas favelas, a maioria com UPP. Além dessas características, a área detém o principal centro hoteleiro da cidade, principalmente no bairro de Copacabana, com sua praia conhecida internacionalmente como principal cartão postal da cidade, que servirá de plano de fundo para a imprensa internacional durante a Copa do Mundo, e que também possui o maior número de câmeras dentre os bairros: 34.

Devemos considerar que o bairro é um centro de influência municipal e intermunicipal e apresenta uma dos principais eixos de circulação de veículos na Zona Sul, porém, o fato de ser a principal “sede hoteleira” para os grandes eventos conta

¹¹ Novo Maracanã: 360 câmeras fazem o monitoramento de todas as áreas do estádio. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/novo-maracana-360-cameras-fazem-o-monitoramento-de-todas-areas-do-estadio>>. Acesso em: 30 maio 2014.



muito para o controle do bairro em nome da “segurança”, principalmente para os turistas que lotam/lotarão seus hotéis durante os grandes eventos que ocorrem/ocorrerão na cidade.

Para a Copa do Mundo FIFA 2014 o governo federal investiu R\$ 1,9 bilhão¹² em plano de segurança, com o objetivo de manter o controle das cidades sede, incluindo, além das câmeras e helicópteros, 170 mil agentes. Uma das principais preocupações são os protestos que vêm ocorrendo desde junho de 2013, reivindicando melhor uso dos recursos públicos, principalmente para saúde, educação e transporte.

Considerando os dados e suas análises apresentadas, percebe-se a concentração de câmeras do Centro de Operações Rio em áreas que de circulação dos maiores fluxos e renda e, também, estão recebendo maciços investimentos para a realização dos megaeventos que ocorrerão no município. Desta forma, pode-se começar a perceber as reais intenções do Estado ao vigiar e manter o controle de certas áreas da cidade. Assim, pode-se questionar: não estaria o COR a serviço das grandes empresas, na criação de uma imagem vendida internacionalmente de uma cidade segura e controlada, pronta para receber turistas, megaeventos e investimentos do que, como o prefeito Eduardo Paes afirmou, para “(...) as pessoas saberem que estão sendo cuidadas”?

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, trabalhos de campo e análise de dados pode-se afirmar que o Centro de Operações Rio funciona como um grande integrador de informações da cidade do Rio de Janeiro e é primordialmente usado para dar suporte à organização da cidade, através da vigilância voltada para a garantia da “segurança”, na medida em que essa se torna sede dos grandes eventos. Como principais objetivos: estão avaliar os riscos, procurar exercer controle sobre eles e dar uma resposta rápida garantindo sua solução ao menos momentaneamente. Portanto, essa utilização acaba por privilegiar turistas, empresários e investimentos dentro da lógica dos grandes eventos, em detrimento de uma real melhora da dinâmica da cidade a serviço dos cidadãos que

¹² Copa e protestos testam investimento de quase R\$ 2 bilhões em segurança. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/copa-e-protestos-testam-investimento-de-quase-r-2-bi-em-seguranca.html>>. Acesso em 11 jun. 2014.



ali vivem e dependem dos serviços essenciais, como: educação, saúde, saneamento básico, entre outros, já que possui um potencial para a realização de uma gestão integrada do território do Rio de Janeiro.

Deve-se realizar algumas considerações sobre a distribuição de equipamentos do sistema de câmeras do Centro de Operações Rio:

- As câmeras estão localizadas nas principais vias de circulação da cidade, porém, estão concentradas nos bairros da Zona Sul, Grande Tijuca e Centro;
- A concentração na Zona Sul, Grande Tijuca e Centro também ocorre ao compararmos com bairros da mesma hierarquia urbana que estão em outras Áreas de Planejamento;
- Não há câmeras do COR em favelas, porém, há uma central de monitoramento na Rocinha sob comando da UPP e 9 câmeras no Morro Santa Marta sem informações de quem está controlando as imagens;
- Há a formação de duas Zonas de Concentração de Câmeras com 50% das câmeras do COR nas áreas mais privilegiadas da cidade e estratégicas para receber os megaeventos.

A utilização de expressões como “a cidade está sendo cuidada” e “o COR está olhando para todos os cantos da cidade 24 horas por dia” demonstram a criação de uma impressão de que a cidade está “blindada” contra os riscos, quando na verdade tal não exerce uma função colocada no discurso muito menos de real modificação das estruturas básicas da cidade, sendo tal controle momentâneo em um momento de “crise” e o próprio cidadão não possui acesso às informações que estão sendo geradas por toda a integração e vigilância. Afinal, a quem estão servindo as imagens desses equipamentos de vigilância instalados por toda a cidade? Quem controla os vigilantes dos equipamentos?

A vigilância dos movimentos sociais está entre um dos objetivos e, ao que parece, através das inúmeras acusações contra a PM, essas imagens não estão beneficiando a população mais afetada, como é disseminado pela ideia de segurança, controle e cuidado para com ela pelo Estado. Pelo contrário, está a serviço de uma instituição do Estado que é uma das que mais mata no mundo, onde só em 2011 foram



524 mortes¹³. A questão fundamental é de que forma tais instituições usarão as imagens captadas pelos equipamentos.

Desta forma, pode-se afirmar que a vigilância da população economicamente privilegiada ocorre de maneira "indireta", através das câmeras, que são aceitas pela população, no geral, como uma forma legítima de segurança promovida pelo Estado, já que os riscos que são criados precisam de alguma forma de solução. Nos territórios mais precários não existe a preocupação de diminuir e muito menos solucionar os riscos de forma indireta (com a instalação de câmeras) nem no discurso oficial do Estado, coloca-se então a força policial com sua coerção para garantir a expansão do capital naquelas áreas antes excluídas do mercado formal da economia. E a vigilância dos movimentos sociais, principalmente através do CICC, busca coibir esses movimentos visando legitimar os grandes eventos que estão acontecendo, garantindo os investimentos e, principalmente, a imagem e o discurso da segurança.

6 - REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. 1996. Teoria de La sociedad Del riesgo. In: Berian, J. (org.) **La consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo**. Barcelona: Anthropos.

CENTRO de Operações Rio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wdqic_CCqfU&hd=1>. Acesso em 17 jun. 2012.

COPA e protestos testam investimento de quase R\$ 2 bilhões em segurança. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/copa-e-protestos-testam-investimento-de-quase-r-2-bi-em-seguranca.html>>. Acesso em 11 jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 176p.

_____. **Segurança, território e população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Cidade “i-mobilizada”: contenção e contornamento como estratégias territoriais de controle. In: BARBOSA, J. L.; LIMONAD, E. (Org.). **Ordenamento territorial e ambiental**. Niterói: EdUFF, 2012.

¹³PM do Rio e de SP mata mais que países com pena de morte. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2012/03/28/pm-do-rio-e-de-sp-mata-mais-que-paises-com-pena-de-morte/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.



NOVO MARACANÃ: 360 câmeras fazem o monitoramento de todas as áreas do estádio. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/novo-maracana-360-cameras-fazem-o-monitoramento-de-todas-areas-do-estadio>>. Acesso em: 30 maio 2014.

PASSARELA que liga Quinta da Boa Vista ao Maracanã é inaugurada no Rio. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/05/passarela-que-liga-quinta-da-boa-vista-ao-maracana-e-inaugurada-no-rio.html>>. Acesso em: 30 maio 2014.

PM do Rio e de SP mata mais que países com pena de morte. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2012/03/28/pm-do-rio-e-de-sp-mata-mais-que-paises-com-pena-de-morte/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.